

Anistiado político: MARCANTÔNIO DELA CORTE

Data de nascimento: 12/10/1946

Em 1964 tivemos o golpe que todos conhecem, mas o período que temos aí, antes de 1964, foi um período riquíssimo dentro do movimento popular. Os movimentos dos partidos de esquerda, incluindo o PC do B, o Partido Comunista Brasileiro, a AP, as Ligas Camponesas, a POLOP e outras organizações que estavam juntas aos sindicatos e aos movimentos estudantis, estavam de tal forma pressionando o Governo e a sociedade para mudanças importantes na estrutura do país, que o Governo de João Goulart foi obrigado a abraçar essas bandeiras pelas reformas. Dessas reformas, principalmente a reforma agrária, as questões relativas à saída de capitais nacionais para o exterior e a questão das empresas estrangeiras foram questões de suma importância no contexto que veio culminar no golpe de 64.

Sabemos que no comício do dia treze de março de 1964 no Rio de Janeiro, na Central do Brasil, o presidente da república, juntamente com todo o movimento popular que estava apoiando as reformas de base, faz um comício com 200.000 pessoas e naquele momento o presidente da república assina uma lei criando a reforma agrária no Brasil; de tal forma que quinze quilômetros de cada margem das rodovias federais, das ferrovias e dos açudes do Nordeste eram terras passíveis de reforma agrária. É bom que as pessoas compreendam que naquela época, 60% da população brasileira ainda viviam no campo. Nossa população urbana era menor, e esse quadro começará a se inverter pós-golpe, pós 64.

Quando houve o comício, e com essas medidas tomadas pelo presidente João Goulart, aquelas conspirações que começaram após a renúncia do Jânio Quadros, em 1961, encabeçada principalmente por Golbery do Couto e Silva, por Castelo Branco e por todos aqueles generais que ficaram conhecidos e passaram a ser presidentes futuramente, de certa forma, em 1964, já tinham minado praticamente toda a estrutura do exército brasileiro nas três armas: Exército, Marinha e Aeronáutica.

Estávamos na época da Guerra Fria e os opostos se odiavam. Que opostos? A Guerra Fria todos sabem que tinha de um lado União Soviética comunista, o Leste Europeu e o mundo capitalista. O Brasil se aliava aos Estados Unidos. Os militares aqui já deram o golpe de 64 fundamentando que o Brasil se transformaria em uma república comunista, em um país comunista. Podemos explicar da seguinte maneira: comunista para eles eram bichos de sete cabeças e o ódio era tamanho que qualquer coisa que fizessem, para esse pessoal era pouco. Acho que a lógica era essa.

É bom que tenhamos em mente, falando em Guerra Fria, que os Estados Unidos da América jamais aceitariam naquela época, e até hoje acho que não aceitam, uma segunda Cuba. Cuba naquela época era um país que estava desafiando. Tanto é que sabemos, e os documentos são fartos, das ligações dos consignadores com o embaixador Lincoln Gordon no Brasil e das manobras da frota americana na época do golpe. Se houvesse uma divisão do país, se

houvesse um embate militar, eles imediatamente entrariam. Uma coisa é certa, historicamente quem conhece os fatos sabe que os Estados Unidos jamais aceitariam outra Cuba aqui.

Quando Mourão Filho e Magalhães Pinto, na madrugada de 31 de março, se sublevam apressando o golpe, que não estava previsto para aqueles dias, eles se antecipam como se já houvesse uma corrida para quem chegasse ao poder. Naquela época, é bom que todos entendam, o governador da Guanabara, Carlos Lacerda, o governador de São Paulo, Ademar de Barros, e o de Minas Gerais, Magalhães Pinto, faziam oposição ao governo de Jango e a todo movimento popular; e todos eles eram candidatos à presidência da República. Aliás, a eleição aconteceria em 1965 e o Brizola também era candidato.

Quando acontece o levante em Minas, o presidente da República tinha algumas condições de resolver o problema se fosse rápido em algumas decisões. Ele demorou, ele vai para o Rio de Janeiro e no Palácio das Laranjeiras ficou o dia todo negociando. O ministro da Guerra, Jair Dantas, estava doente e o Estado Maior do Exército praticamente na mão do Castelo Branco, que foi um dos principais mentores e comandantes do golpe. Carlos Lacerda, governador da Guanabara de extrema direita de imediato, quando Magalhães Pinto toma aquela decisão em Minas Gerais, também mobiliza suas tropas; faz do seu palácio um reduto com proteções, com caminhões e com tudo, pois imagina que ali no Rio de Janeiro as tropas dos fuzileiros navais, que ainda eram fiéis ao presidente da República invadiriam seu palácio. Mas nada disso aconteceu. Os fatos vão acontecer na noite do dia 31, quando o presidente da República já havia conversado inúmeras vezes por telefone com o comandante do Segundo Exército, Amaury Krueel, que tinha em suas mãos o comando das forças mais importantes do Exército brasileiro. Porém, havia uma questão. Aquelas pessoas que em 1961, dentro do Exército brasileiro, começaram a conspirar para derrubar o presidente da República (porque diziam que o presidente João Goulart iria criar no Brasil uma república sindicalista com viés comunista apoiado pelo Partido Comunista Brasileiro e tendo ao seu lado o próprio Luiz Carlos Prestes) perceberam que o próprio Segundo Exército, no qual o presidente João Goulart tinha plena confiança, não tinha o controle total da situação. Isso se deu principalmente porque aquela conspiração havia chegado ao Segundo Exército e a seu Estado Maior.

Nessas conversas telefônicas entre o presidente da República e Amaury Krueel (a última conversa se deu talvez por volta das dez horas da noite), o presidente cobrava uma posição do Amaury. Ele dizia que estava ali, junto do seu alto comando, pronto para descer com suas tropas para o Rio de Janeiro e dar apoio ao presidente da República. Porém, Amaury tinha uma simples exigência: que o presidente da República prendesse os comunistas, fechasse as centrais sindicais, fechasse os sindicatos, que deixasse de governar com os sindicalistas e fosse governar com eles que estavam dando as cartas naquele momento. O presidente João Goulart respondeu dizendo que jamais trairia seus amigos, jamais trairia suas ideias e jamais trairia o povo brasileiro.

Em pesquisas de opinião naquela época que antecedeu o golpe, o presidente da República tinha por volta de 60%, 70% de aprovação popular, mesmo com todas aquelas marchas com Deus e a Família pela Liberdade, que aconteceram em Minas Gerais, São Paulo e Rio de

Janeiro. A partir desse momento em que o presidente não aceita as imposições do Segundo Exército, nós temos então os fatos sendo determinados, o golpe já estava praticamente vitorioso. Então, o próprio Amaury Krueel coloca a responsabilidade nas costas do presidente da República dizendo que ele havia tomado a decisão. A partir desse momento, o Segundo Exército desce para o Rio de Janeiro, não para garantir o presidente da República, mas para se aliar às tropas de Minas Gerais, que já estavam caminhando para o Rio de Janeiro, e aniquilar com qualquer resistência que poderia haver do Primeiro Exército. Com isso, o presidente da República foi para Brasília. De lá, encontra-se com Tancredo Neves e vai para o Rio Grande do Sul numa última tentativa de resistência. Chega ao Rio Grande Sul, ele mais Brizola, Brizola principalmente, consegue tomar Porto Alegre. O governador Ildo Meneghetti vai para o interior, e quando vão fazer um levantamento da situação militar no Rio Grande do Sul, general Ladário, que foi nomeado naquele momento comandante do Terceiro Exército, chega à conclusão que o Terceiro Exército estava totalmente sublevado e totalmente revolucionário, entre aspas como eles diziam. Não restou outra alternativa ao presidente a não ser pegar um avião e ir para o Uruguai. Brizola fez o mesmo. A vitória do golpe já estava consolidada. As prisões começaram e aqui em Goiás as coisas terão caminhos similares. Não tão similares, porque o governador Mauro Borges por tradição era um homem ligado ao movimento popular.

Mauro Borges foi um homem de uma visão administrativa interessante, que deu uma estrutura administrativa para o Estado de Goiás que não havia antes. Um planejamento que não havia antes. Inclusive, Mauro Borges fez uma coisa que pouca gente sabe na história, que ficou esquecido, que foi a criação de uma empresa chamada Dispetrol – Distribuidora do Petróleo Goiano, baseado naquela linha nacionalista. Naquela época a Petrobras ainda era uma empresa pequena, uma empresa que tinha uns dez anos de existência e produzia pouco petróleo; e as distribuidoras de petróleo eram praticamente todas estrangeiras. Mauro Borges, quando teve a ideia de criar a Dispetrol em 1962, tinha a ideia de criar uma empresa goiana que fizesse esse transporte e distribuição do petróleo, mas não deu certo; embora tenha sido lançada publicamente. Mauro Borges fez um comício na Praça dos Bandeirantes com cerca de 10.000 a 20.000 pessoas. Andaram por todas as escolas de Goiânia, por todos esses rincões de Goiás divulgando essa empresa. Fez um comício belíssimo, e o sentimento nacionalista do povo goiano foi lá em cima. Mas foi uma empresa que não saiu da vontade política. Não sei quais foram as questões que atrapalharam essa ideia.

Mauro Borges tem um passado administrativo muito ligado as nossas questões nacionais e à defesa do patrimônio brasileiro, mas politicamente ele começa a fugir daquela linha nacionalista, daquela linha democrática e se alia aos conspiradores. Segundo nossos companheiros - o próprio Hugo Brockes que trabalhava no palácio e chegou a interceptar comunicações cifradas do Ildo Meneghetti, governador do Rio Grande do Sul, para Mauro Borges - tudo indicava que Mauro Borges sabia que o golpe estava a caminho.

Mauro Borges toma uma posição interessante porque no dia 31 as tropas ficam aquarteladas e ele não se manifesta. Sabemos, por informação, que as pequenas tropas do Exército que estavam aqui na 7ª CSM não eram golpistas. O comandante do 10º Batalhão de Caçadores

também não se aliava tanto ao golpe, embora lá dentro houvesse pessoas aliadas. Existia também outro quartel do Exército, se não me engano em Ipameri, que não estava obedecendo às ordens do Estado Maior do Exército, que era favorável ao golpe de Estado. Mauro Borges não toma uma posição, ele vai tomar uma posição no final da noite do dia 31 de março para o dia 1º de abril. Ele espera Amaury Krueel se decidir.

Em minha opinião, acho que ele espera o Amaury tomar uma decisão porque a decisão do Amaury era fundamental para sabermos para onde o Brasil caminharia. A verdade é que Mauro Borges apoia o golpe, lança um manifesto à nação e imediatamente, dois dias depois, começam as prisões. Em Goiânia tivemos dois locais de resistência: na sede da Confederação dos Trabalhadores do Estado de Goiás, que ficava na Rua 4 com a Tocantins; e na CGT, cujo presidente era o Pedro Ribeiro. Eu tinha 17 anos naquela época e acompanhei isso de perto. Acompanhei da sede do CGT - Comando Geral dos Trabalhadores. Havia também outro foco de resistência, que era no Centro Acadêmico 11 de maio, que ficava na Rua 20. O povo brasileiro, o povo goiano, embora as pesquisas indicassem que o presidente João Goulart tinha uma aceitação de até 60%, ficou distante, não saiu para as ruas.

O Comando Geral dos Trabalhadores, que tinha à frente Pedro Ribeiro, obedecendo já uma determinação do Comando Geral dos Trabalhadores do Rio de Janeiro, da parte central, que em dias anteriores tinha decidido que no caso de um evento armado decretariam uma greve geral. Essa greve geral decretada pelo Comando Geral dos Trabalhadores foi um fracasso no país inteiro. Em Goiás distribuiu-se panfletos para todos os cantos. Goiânia era uma cidade pequena e as coisas concentraram-se mais por aqui. Conseguem-se paralisar pouca coisa sem a mínima expressão.

No dia 2, já não se tinha nada o que fazer. As prisões começaram e é bom que as pessoas tenham conhecimento que naquela época não tínhamos uma Polícia Federal organizada. O Estado brasileiro não tinha um sistema de informações organizado como passou a ter depois e como tem hoje, mas tinha as DOPS e as D.OPS nos estados, que eram organizações fundadas na década de 30 e passou pela ditadura do Estado Novo, passou pela democratização e sobrevivia. Fazia arapongagem, catalogava fichas de comunistas. O melhor acervo que a repressão teve em Goiás quando começou a repreender o movimento social, que eram os trabalhadores, os estudantes, as pessoas de esquerda ligadas aos partidos comunistas e outros mais, foram arquivos do próprio DOPS. Aliás, as primeiras prisões que se deram naquela época foram feitas pela polícia goiana, pela polícia comandada pelo governador Mauro Borges. Não citarei quem eram do DOPS ou da Segurança Pública, pois isso era secundário, porque o chefe maior era o governador do Estado.

As prisões começaram e, evidentemente, imediatamente o Exército já encabeça as ações. Veremos que as cadeias, tanto da Casa de Detenção que fica na Rua 66, quanto a do CEPAIGO e do 10º Batalhão de Caçadores se enchem. As prisões ficaram cheias, mas é bom que tenhamos em mente que do inquérito feito naquela época, tivemos cerca de 140 indiciados, nenhum dos indiciados foi a julgamento. A situação ficou complicada com os processos que vieram depois.

A tortura naquela época foi empregada de forma muito generalizada. Os casos mais notórios são o do Paul Gútico e o do Hugo Brockes naquela história de espionagem que Hugo Brockes conta muito bem no depoimento que ele já prestou. Nesse aspecto essas prisões, evidentemente, ocasionaram uma série de constrangimentos até para o próprio governador.

Tarzan de Castro esteve preso no 10º BC na época do golpe e as coisas pesaram em cima dele por causa de algo muito simples. Ele tinha ligações de amizade com o governador, não me lembro se ele tinha emprego no Estado, mas mantinha boas relações com o governador. Houve uma época que o governador Mauro Borges era um cara progressista e, de certa forma, ligado à União Goiana dos Estudantes Secundários. Quando prenderem o Tarzan de Castro o mantiveram preso e instalaram outro IPM no 10º Batalhão de Caçadores, que tinha o objetivo específico de incriminar o Mauro. Há uma série de questões acusando-o de comunista, mas Mauro nunca foi comunista na vida dele. Pelo contrário.

Prenderam e torturaram muita gente, inclusive o Saulo Taguatinga, para extraírem dessas pessoas depoimento que comprometessem o governador Mauro Borges. Mauro Borges quando adere ao golpe de 64 faz uma opção política, e se alia a antigos inimigos da chamada UDN que eram seus adversários e que, com sua vitória, ficaram fora do poder. Quem ficaria no poder era o PSD. Essa UDN irá tramar para derrubar o Mauro. A ninguém interessava a nível federal, nem a nível estadual. Aqueles que tinham desde 1961 tramado contra o governo de João Goulart, que queriam o poder a qualquer custo, jamais aceitariam Mauro no governo. Mauro cai por um erro de origem. Ele escolheu o parceiro errado naquele momento e ele não resistiu a todo esse embalo, porque as Forças Armadas ficaram coesas e gradativamente (a história irá demonstrar que os militares quando tomaram o poder em 1964 não tinham praticamente uma estratégia de poder) foram criando uma maneira de se perpetuarem no poder. Através de atos institucionais foram cassando mandatos; proibindo eleições para governadores e presidente; e, com o mais forte deles, o AI5, de 13 de novembro de 1968, praticamente aniquila com todas as nossas instituições democráticas que ainda sobreviviam até lá.

Em 1966 existia um partido que se chamava Partido Comunista do Brasil, que existe até hoje: o PC do B. Foi fundado em 1922 e se reorganizou em Goiás em 1962, tendo como proposta fazer a revolução brasileira, a revolução socialista. Entrei para o PC do B em 1963, não tinha nem 17 anos completos. Esse PC do B em Goiás sobreviveu ao golpe; já o Partido Comunista Brasileiro, não. O Partido Comunista Brasileiro foi totalmente esfacelado com o golpe de 64 em Goiás. O PC do B não foi. O Tarzan era o dirigente máximo naquela época. Ele caiu, mas o PC do B, não. Tarzan sempre teve uma posição muito reta.

A PRISÃO

Não sei dizer como, o PC do B cai em Goiás em 1966. É uma história muito complicada para ser contada rapidamente.

Quatro importantes companheiros foram presos e eu gostaria de dizer que é muito complicado alguém julgar o outro. Tenho na minha mente que ninguém entrou obrigado em uma luta clandestina, uma luta contra o governo. Quem fez o fez de forma espontânea e voluntária. Era uma luta voluntária. Você entra e você sai. Você fica, ou você não fica. Em uma luta voluntária, é claro que existem determinados princípios que norteavam e ainda norteiam um militante comunista, um militante socialista, um militante de esquerda. Mas só quem passou por um inquérito, por IPM, só quem passou pelo processo inquisitorial sabe como as coisas acontecem. Formas de torturas existem várias, imensas, desde a psicológica à física; e é muito complicado chegar e julgar um companheiro, se ele foi ou mais ou menos resistente.

Estive preso por dois anos em Juiz de Fora, em uma cadeia chamada Presídio Linhares. Éramos oitenta presos. Eu tinha 22 anos e a média de idade talvez fosse a minha. Tinham presos com 18, 19, 20, 22, 24, 25, 30, 40, mas a média era de 22, 24 anos. Ali em Juiz de Fora, de goiano, por incrível que pareça, só tinha eu. Outros goianos passaram por lá, mas naquela época estava apenas eu de goiano.

Em Minas Gerais, quando prenderam a corrente revolucionária, prenderam a todos. Quando o Comando de Libertação Nacional caiu em Minas Gerais, caíram todos e assim sucessivamente.

Essa prisão em Juiz de Fora, chamada Linhares, fica no meio das montanhas. Juiz de Fora está em uma região montanhosa da Serra do Mar. É uma cidade mineira que sofre mais influências do modo carioca de viver do que do modo mineiro de ver as coisas. Era uma prisão para presos comuns de alta periculosidade; antiga, estava localizada dentro de um buraco praticamente; eram montanhas de todos os lados. As paredes tinham quase meio metro, as barras eram grossas - para uma pessoa serrar uma base da grade era quase que impossível. As celas eram individuais e muito pequenas para o cidadão cumprir a pena ali dentro.

Citarei um fato acontecido lá: a Polícia Militar Mineira era quem fazia a segurança externa do presídio. Quem fazia a segurança interna do presídio, que estava em contato conosco, eram os funcionários do governo, os chamados guardas penitenciários. Havia um batalhão da polícia tomando conta. Não sei o que deu na cabeça de minhoca desse povo da Polícia Militar Mineira. O termo é bem esse mesmo, não sei o que dava na cabeça desse pessoal que eles tinham por hábito, não era todo dia, mas com uma grande frequência, apagar as luzes do presídio. Eram celas individuais. Você ia tomar banho de sol e almoçava no refeitório, pois era impossível que levassem oitenta pratos de comida para os presos. Eles apagavam as luzes às 20 horas para que você dormisse; a luz do corredor ficava acesa, mas pegaram o hábito de fazerem treinamento. Esse treinamento nada mais era que uma guerra psicológica, pois

apagavam todas as luzes do presídio e começavam a dar tiros. Parece-me que simulavam que o presídio estava sendo invadido. Davam tiros de metralhadora e de fuzil para todos os lados. Havia umas bombas de impacto, não sei bem com que finalidade as jogavam nas paredes. Você sentia o prédio estremecer, mas o prédio era praticamente uma fortaleza. Isso aconteceu por um tempo considerável. No começo ficávamos muito tensos, mas depois acostumávamos com aquilo. Por incrível que pareça, quando eles começavam a realizar os treinamentos, começávamos a cantar. Os companheiros naquela época ainda estavam muito ligados à vitória do socialismo; ainda éramos muito jovens, com muita energia. No começo todos ficaram meio amedrontados, mas depois acostumamos. Começávamos a cantar músicas do folclore brasileiro; às vezes cantávamos o Hino Nacional, às vezes músicas internacionais. Perto daquela região existiam alguns moradores de pequenas fazendas que ouviam aquela barulheira. Lá o preso político recebia uma visita semanal. Eu recebi duas visitas durante dois anos. Minha família morava aqui e era uma família que não tinha condições. Havia três presos de Juiz de Fora (um deles era o Valdo, e os outros não me lembro do nome). O pessoal de Minas Gerais recebia visitas normalmente. Soltaram um boato, era história verdadeira, tanto era que pararam com o negócio, que eles estariam fuzilando presos de Juiz de Fora. Quando falo isso tenho vontade de rir, pois é a única maneira. Quem inventou esse boato não sei. Segundo alguns guardas nos contaram, daqueles civis que trabalhavam diretamente conosco, e muitos fizeram amizade, uma rádio local teria soltado essa notícia. A notícia de que possivelmente estivessem fuzilando presos políticos no Presídio Linhares. Eles pararam com aquilo, mas chegaram a jogar aquelas bombas de impacto no corredor.

Tínhamos dois galpões de presos e tinha o das mulheres que ficava do outro lado. As mulheres estavam em menor número, se não me engano eram 12 ou 15 e nos comunicávamos com elas cantando. Cantávamos de um lado uma música, e elas cantavam de lá outra música. Aprendi naquela época muitas músicas do folclore mineiro que eu não sabia aqui em Goiás. Praticamente na prisão todos eram mineiros.

Tivemos uma greve de fome complicada nesse presídio. Uma greve de fome que não foi deliberada, mas foi um momento de reafirmação de alguns princípios. É simples e elementar: um companheiro, muito radical desacatou um guarda penitenciário; ele estava errado e deram a ele um castigo, que era não tomar o banho de sol, ser isolado dos demais e ir para outro bloco. Seriam dez dias de castigo. Existia um princípio entre os presos de Linhares; embora eu tivesse algumas discordâncias, acatava e aprovava esse princípio. O princípio era que a penalidade, o castigo aplicado a um, era automaticamente aplicado a todos. Essa prática se deu em decorrência do receio que tínhamos de qualquer coisa de ruim acontecer com um companheiro e você perder o controle. O companheiro fez isso e nós ficamos na cela.

Cheguei a escrever um artigo detalhando essa história difícil e complicada. Pela manhã lhe serviam apenas um pouco de café e meio pão. Às 9 horas você ia tomar banho de sol, 11h30 ia almoçar no refeitório e do refeitório voltava para a cela. Às 15h30 você saía da cela, ia tomar o resto do banho de sol, tomava banho na água fria, jantava, voltava para a cela e só saía novamente no outro dia às 9h30.

Para aquele cara que foi castigado, levavam a comida e o café, mas para você eles não levavam. Levavam o café, mas não levavam o almoço e nem o jantar. A fome era instalada sem que fizéssemos greve de fome. No primeiro dia você toma o cafezinho e tudo bem, mas daí para frente você vai somando os dias. Esses dias demoravam a passar. Nos três primeiros dias eles faziam as refeições, colocavam no refeitório, depois jogavam fora. Você sentia o cheiro da comida. A partir do terceiro dia quando viram que não voltaríamos atrás, eles não fizeram mais a comida. Só faziam o suficiente. Aquele companheiro que estava cumprindo o castigo isolado também não comia a comida que levavam.

O pessoal de Minas Gerais, a maioria de Belo Horizonte, recebia as visitas que levavam comida, levavam pães, salame, uma série de coisas. No meu bloco, quem cuidada dessa alimentação era eu. No bloco de cima não sei quem era. Aquela comida que ficou ali comigo tinha que ser repartida com o pessoal do meu pavilhão que era por volta de trinta e cinco pessoas. Calculei que aquela comida daria para uns dois, ou três dias. Tínhamos que prolongá-la para dez dias. A fração de ração foi bem pequena.

Eu era o único que saía da cela. Eles me permitiam todas as noites sair da cela por volta de 20 horas para levar a ração para o pessoal, as porções. Do quinto dia para frente, você ia olhando para a cara dos companheiros e ia sentindo o que é a falta de alimentação. O sétimo e oitavo dias foram sofridos. Não era uma greve de fome declarada. No oitavo dia nossa ração acabou.

Quando ouço alguém dizer que fez greve de fome deliberadamente tomando apenas água aguentou por trinta dias, penso que gostaria muito de ter visto e que alguém me comprovasse isso. Porque nesses dez dias tomando esse cafezinho, comendo essa pouca ração que distribuíamos, quando saíamos para o pátio no 11º dia o que pude ver em todo mundo... Na época eu pesava 64 quilos. Durante esse período devo ter perdido mais ou menos um quilo por dia, estava muito magro. Você via o arraso e o que a falta de alimentação havia feito ali.

De certa forma esse sofrimento, que ao mesmo tempo não era um sofrimento, amadureceu muito o grupo. Na série de radicalismo que existia ali, senti que a coisa foi meio se atenuando. Senti que o ser humano é solidário. Quando a coisa aperta, quando as coisas se complicam o ser humano é solidário.

Vemos muitos exemplos no nosso cotidiano, nas catástrofes que acontecem pelo mundo, enchentes, tsunamis, e etc. Não dá para entender como o homem produz armas para matar e provoca guerras, só trazendo dor e sofrimento a todo mundo.

Eu saí daqui, perdi o emprego, fui para o Rio de Janeiro e encontrei-me com Neso Natal. Encontramo-nos em fevereiro de 1967. Foi uma alegria imensa, pois eu estava ali meio desorientado e o Neso havia sofrido uma condenação devido ao assalto ao Tiro de Guerra de Anápolis. Eu e o Neso, ainda sonhando em fazermos uma revolução socialista no Brasil, resolvemos ir para Cuba. Queríamos ir para Cuba porque sabíamos que naquela época eles estavam treinando pessoas para voltarem e serem agentes revolucionários. Eu tinha 20 anos; Neso devia ter uns 23, 24 anos, e nossa vontade era ir para Cuba. Resolvemos pedir o exílio. Fomos à embaixada do Uruguai, mas lá estava o Tarzan que havia fugido da Fortaleza de

Santa Cruz, James Allen e Parreira. Fomos então para a embaixada do México, que ficava no 10º andar de um prédio. Isso era coisa de jovem sonhando. O México, naquela época, não tinha tradição de dar exílio a ninguém; eu já havia tido uma prisão, sido processado, e o Neso com uma condenação. Esperávamos que o México nos desse exílio e de lá iríamos para Cuba. Chegando à embaixada, deram um tranco em nó dois. O embaixador me pegou e o adido cultural pegou o Neso e nos ameaçaram dizendo que ou saíamos dali, ou nos entregariam para a polícia.

Sabemos que dentro do ponto de vista da lei do exílio e da solidariedade, e o México era um país de Governo democrático, esse posicionamento da embaixada mexicana foi um posicionamento horroroso. Dissemos que iríamos embora, pois notei que o cara não estava blefando. Tanto é que quando nos encontramos na sala, o Neso falou a mesma coisa: que a prensa tinha sido violenta e que fôssemos embora. Pedimos que chamassem um táxi e que o secretário deles nos acompanhasse até o carro. O cara desceu conosco, nos ofereceu dinheiro para o táxi, recusamos e agradecemos. Entramos no táxi, demos umas voltas pelo Rio de Janeiro e a coisa acabou por ali mesmo.

Alguns dias depois fui para São Paulo. Neso teve contato com o partido e foi para a União Soviética. Só contei esse fato, que é um fato pitoresco na minha vida, para mostrar do que um jovem é capaz. Quando se é jovem, você tem muita energia, você pensa longe. Muitas vezes você perde a vida heroicamente sem ao menos saber o que está fazendo. Na verdade, eu e Neso depois raciocinamos e chegamos à conclusão de que aquela nossa atitude de pedir asilo na embaixada do México e depois ir para Cuba era algo sem sentido. Nós estávamos até sem contato com organizações daquela época.

Fiquei sete meses em São Paulo e voltei para Goiânia. Fundamos aqui um grupo chamado “Grupo Condor”. Éramos mais ou menos umas vinte pessoas com o objetivo que ainda tínhamos na cabeça de revolução armada; o Juarez Ferraz de Maia, professor de Jornalismo da Universidade, também era do grupo.

Em Goiânia, continuávamos militando abertamente no movimento estudantil e clandestinamente também contra o Governo, mesmo eu já tendo sido preso, no PC do B, e com um processo pesado em cima. Juarez também tinha tido um processo na Ação Popular, mas continuávamos reorganizando o movimento estudantil e continuávamos atuando na clandestinidade contra o Governo. Pensamos em fazer algumas ações armadas, mas antes, Telmo de Faria, já falecido, e o Izu deram a ideia de fazermos uma panfletagem. Existia um problema de terras brasileiras na Amazônia, que estavam sendo vendidas a estrangeiros. Fizemos os panfletos e fomos panfletar à noite, de dois em dois. Nesse grupo estava o Laerte Guedes, um querido amigo. Laerte foi para outro lado. Com medo de sermos presos pela polícia, não distribuíamos os panfletos durante o dia, fazíamos isso durante a noite. Não pensávamos que a noite havia o perigo da ronda.

Eu e Juarez estávamos na Rua 68, quando um carro da Polícia Militar, fazendo uma ronda normal, nos viu entrando dentro das casas. Abríamos os portões para deixarmos os panfletos debaixo das portas. Quanta ingenuidade! De repente vimos os caras e começamos a correr.

Juarez imediatamente tropeça, cai e eu volto para ajudá-lo a levantar. Juarez logo é pego, e me pegaram já atravessando a Avenida Independência. Eu e Juarez simulamos que estávamos brigando, o que de nada adiantou. Pegaram os panfletos, cada um devia estar com uns 100, 200 panfletos, e ficamos presos. Esse episódio deu o que falar. Esses panfletinhos acarretaram um processo de 500 páginas. Esse processinho deu a mim um ano, e ao Juarez dez meses de cadeia. Quando o advogado entrou com o recurso no Superior Tribunal Militar, cumpri dez meses de cadeia por conta desse processo. Juarez na época em que eu estava preso já estava solto.

Essa é uma história muito engraçada. Gostaria de agradecer também ao advogado Rômulo Gonçalves, que nos visitou. Contamos uma bela história para a polícia. Eu e Juarez ficamos sozinhos em uma das noites na cadeia, na Casa de Detenção; o delegado não tinha noção do que era, então bolamos uma história e dissemos o seguinte: que o Gilbertinho, criamos um personagem, o Gilbertinho havia nos procurado. Lavraram o flagrante e ninguém caiu. O grupo ficou intacto.

Dez dias depois fui visitado pelo advogado Rômulo Gonçalves na cadeia. Ele entrou lá dentro e achou um absurdo porque o que o panfleto dizia não atentava contra a segurança nacional em nada praticamente. Senhor Rômulo Gonçalves conseguiu; ele entrou com o habeas corpus, que naquela época ainda existia e só iria acabar no AI5, em novembro de 1968. Rômulo Gonçalves entrou com o habeas corpus, que nem julgado foi. Através de um amigo dele que trabalhava na auditoria da 4ª Região Militar em Juiz de Fora, ele conseguiu demonstrar que o panfleto não atentava contra a segurança nacional. O cara foi nos visitar dentro da prisão. O juiz não aceitou a denúncia do promotor, então fomos soltos com trinta dias.

Quatro meses depois o processo dá andamento. Mas vejamos bem, que a história julgue e que a história condene quem tem que condenar. O promotor de Justiça da 4ª Auditoria Militar, doutor Simeão, fez o que era de praxe: recorrer ao Superior Tribunal Militar. Mas quem era o presidente naquela época do Superior Tribunal Militar? Era o ministro general do Exército Olímpio Mourão Filho, o cara que começou o golpe de 1964. Você tendo uma corte de Justiça comandada pelo general Olímpio Mourão Filho e depois seguidos do, suponhamos, general Ernesto Geisel e mais um monte deles. Essas pessoas eram todas de extrema direita.

Tentei uma vez localizar o filho do ministro do Exército, Peri Constant Bevilacqua. Em uma corte dentro de uma estrutura militar, o Superior Tribunal Militar era o mais alto e estava julgando o processo de dois jovens, um de 20 o outro de 21 anos, sobre um panfleto que falava de terras na Amazônia e Peri Bevilacqua foi o único voto favorável a nós naquele momento. O general Peri Bevilacqua foi contra todos os outros ministros. Por causa disso e de na época do golpe ter sido intermediador entre o presidente João Goulart e um sublevado querendo encontrar um caminho (inclusive JK também fez esse papel), e por causa de uma série de decisões que ele tomou como general antes e após o golpe, Peri Bevilacqua acabou sendo aposentado de forma compulsória.

Inclusive, seu filho também é militar. Há alguns anos vi esse rapaz pela imprensa e ele dizia que não aceitaria nada relativo a seu pai. Gostaria que chegasse à mão desse senhor, que se

não me engano é coronel do Exército, o voto do seu pai. O que disse Peri Bevilacqua? Que negaria o provimento do recurso. Que recurso? O juiz não aceitou a denúncia, então o promotor da 4ª Auditoria Militar fez um recurso junto ao Superior Tribunal Militar. Todos aceitaram para dar continuidade e nos ‘ferrar’. Peri Bevilacqua disse que negaria provimento ao recurso e teve voto vencido. Ele escreveu no processo manualmente e em cima está batido com máquina: voto vencido, porque foi o único.

Ele escreveu o seguinte: “Nego provimento de recurso, porque os boletins, longe de ameaçar a segurança nacional, alertam as autoridades para o fato insólito da alienação em grande escala de terra a grupos de estrangeiros, principalmente norte-americanos. Não há nos autos deste processo fato caracteristicamente criminoso como bem assinala o doutor auditor em seu fundamento no despacho das folhas 62 e 63, negando-se a receber a denúncia. Muito obrigado” Peri Bevilacqua. “Um brado de patriotismo e de alerta não podem ser confundidos com crimes dos artigos 14, 19 e 38, item 2 do decreto 314.”

Estavam nos enquadrando em tantos artigos e na verdade não havia nada. Quando esse processo chegou a julgamento, eu estava preso e estive presente assistindo tudo. Eram as coisas mais absurdas que se possa imaginar.

Quando Mourão Filho e o senhor Ernesto Geisel, que faziam parte do grupo de julgadores no Superior Tribunal Militar, decidiram dar continuidade a esse processo, eu e Juarez fomos chamados à auditoria para o primeiro passo do processo que era a qualificação. Chegando lá, o que aconteceu na 4ª Auditoria Militar? Pegaram meu nome, meus dados, coisas que já estavam dentro do processo, pois quando era formulado o alto de prisão todos esses dados eles já tinham. O promotor baseando-se no fato de eu ser membro suplente estadual do PC do B, um partido que muito me orgulho de ter pertencido e que defendo com unhas e dentes hoje, baseando-se nesse antecedente meu e nos antecedentes do Juarez, e achando que éramos perigosos e atentávamos contra a segurança nacional, solicitou uma coisa engraçada: confinamento. O que é confinar? Não era prender, era restringir a liberdade e os movimentos do indivíduo. Naquela época havia um brasileiro que estava cumprindo essa pena de confinamento em Cáceres, no Mato Grosso, que era o Jânio Quadros.

Nós, dois estudantes sem significação nenhuma, e os militares nos jogando nas costas uma responsabilidade tamanha, que nos confinaram por unanimidade. Ele pede o confinamento e por unanimidade a Auditoria aceita. Os militares que estavam lá, não sei se sete ou oito, por unanimidade decretaram o confinamento. Era uma coisa de doido. Eu teria que entrar com outro processo contra o Governo para provar que esse processo não tinha lógica.

Esse confinamento nos deu trabalho. Para se ter um ideia de como a coisa era séria, lá na Auditoria tinham pessoas da imprensa e esse fato vasou. No outro dia o jornal O Popular divulgou em primeira página (esse jornal deve estar arquivado lá) a manchete: “Estudantes goianos confinados: Marcantônio e Juarez”.

Nesse período de confinamento, eu e Juarez tínhamos que ir constantemente à Polícia Federal e ao DOPS para marcarmos presença. Não podíamos sair do perímetro urbano de Goiânia e se

acontecesse qualquer coisa os caras recorriam e lhe prendiam. Era uma maneira de monitorar o cidadão. Eu e Juarez éramos loucos, éramos irresponsáveis mesmo; continuamos a fazer as mesmas coisas. Tanto que fui preso em flagrante, em abril de 1969, com um grupo de estudantes em uma reunião. Nessa época eu já não acreditava mais na luta armada e entrei para o PCB. Fui preso com esse pessoal, agora de forma definitiva. Foram alguns anos.

O que eu quero deixar a você que por acaso esteja lendo esse relato é que tenho 65 anos, faço em outubro 66 anos (estamos no ano de 2012). Quando olho para trás, mesmo quando tinha 35, 40 anos, e vejo um jovem de 20 anos e um militar de 60, 70 anos julgando um jovem de forma tão arbitrária como eles faziam, dá para concluir que estavam doidos. Alguma coisa de insanidade existia naquela geração. Eu não sei o que se passava.

TORTURA

A lógica da tortura é uma lógica tão abominável que, muitas vezes, se você pega um jovem de 20 anos e o leva a tortura dificilmente ele aguentará. Você exigir do ser humano algo santo, heroico é muito bom e muito bonito na literatura. Na vida real, no contexto, no momento em que está se vivendo... Costumo dizer que quem não consegue contar uma boa história ou ter muita resistência, não escapa. A realidade é essa.

Hoje eu me “bato” muito. Costumo escrever quase toda semana no Diário da Manhã, e eu sempre bato em um ponto central que eu considero importante no ser humano, na civilização, que é o respeito pelo outro. Você enxergar e respeitar o outro. E isso não existia naquela época.

Nesse processo inquisitorial não existia respeito ao outro, não existia respeito a ninguém. As pessoas religiosas dirão que o homem está aqui na terra porque Deus quer, e ele tem uma missão. De acordo com a religião ele tem sua convicção. Eu não sou religioso, sou ateu, mas acredito em uma coisa: na capacidade imensa que o ser humano tem de criar tanto para o lado bom, quanto para o mau. Acredito que o lado bom seja o mais importante; é preciso reconhecer no outro um irmão, respeitar o outro como um parceiro que o acompanha para sempre; reconhecer que a morte é a única certeza que temos na vida. Temos que pensar muitas vezes naquilo que fazemos. Por isso, afirmo que uma pessoa para infringir dor física ou psicológica na outra, ou tem que ser um monstro, ou estar imbuído de sectarismo tal que o segue perante a realidade de si mesmo. A lógica da tortura é a lógica do louco, é a lógica da morte. Não acredito que o ser humano tenha nascido para bater, para matar e para infringir sofrimento. Se eu estou aqui dando esse depoimento é porque acredito nisso. Acredito que seja possível o homem construir um mundo melhor do que foi antes, melhor do que é hoje. Construir uma civilização melhor em que os direitos humanos sejam realmente protegidos. Que o homem jamais seja o carrasco do próprio homem. Sobre a questão da tortura, que foi

uma situação comum em toda essa história, minha opinião é essa: acho que o povo brasileiro deve cada dia mais ter consciência dos fatos para que não mais se repitam.

Em 1972, o Partido Comunista Brasileiro caiu em Goiânia. Ele cai em uma época em que a esquerda armada do Brasil já estava toda na cadeia. Como não tinham muito o que fazer, foram cuidar do Partidão e, com isso, mataram um 1/3 (um terço) do Comitê Central do partido.

Em Goiás, eu, como já não pertencia mais ao Partidão, não entrei nessa história; é uma questão que estou escrevendo sobre ela, mas pertenci ao Partidão de 1969 a 1971. As prisões do Partidão se deram, desde a direção estadual até ao nível de base, com tortura campeando solta. Inclusive essas torturas são relatadas nos depoimentos, e é quando vai acontecer a morte do Ismael. A morte de Ismael aconteceu em um momento complicadíssimo.

O Ismael completa 18 anos na cadeia - e eu volto naquela ideia, hoje com os 65 anos que eu tenho, olho para trás e vejo um jovem de 18 anos, muito criança, sendo levado à tortura e à morte. É uma coisa extremamente complicada e elas não podem ficar assim, as coisas têm que ser esclarecidas. A Comissão da Verdade há de esclarecer isso!(Por causa disso é que coloquei que a questão da ditadura no Brasil vai se afunilando e o horizonte do povo brasileiro se alarga. Nossas possibilidades de desenvolvimento humano e na questão da democracia vão tornando o país maduro e democrático - acho que os horizontes se alargam.) Quando o Ismael foi preso, ele estava com uma série de documentos que o incriminavam. Mesmo sendo muito jovem, ele tinha muita responsabilidade dentro de um partido clandestino, estava com documentos sobre os quais ele teria que dar explicações. Documentos sobre a constituição do Comitê Estadual e de outras coisas mais. Acredito que a barra pesou tanto em cima do Ismael, que fisicamente ele não aguentou.

No dia em que ele morreu, eu e seu irmão Luiz Silva de Jesus, fomos no dom Fernando Gomes dos Santos. A conversa com dom Fernando foi uma conversa tensa, muito emocional; o próprio dom Fernando fumando muito, aliás, uma pessoa que sempre admirei, sempre gostei. Saí até preocupado, pois ele estava fumando demais, ele fumava um cigarro atrás do outro. Fomos lá para relatar o acontecido, e dom Fernando nos disse que aquilo para ele não era novidade, que ele sempre recebia denúncias de torturas e outras coisas mais praticadas pelos órgãos de segurança do Brasil. Cheguei a aventar a possibilidade de ele ir até a casa da família, o corpo estava sendo velado na casa do Ismael. Ele disse que não iria naquele momento, pois tinha certeza que a polícia iria tirar partido disso contra ele e até contra a própria família. Ele nos pediu toda a documentação do Ismael, um relato de tudo o que havia acontecido, e que tirássemos uma fotografia do Ismael. Ele pegaria tudo isso e, através da mala diplomática do Vaticano, enviaria para a Europa, para o Vaticano. Embora, boa parte da igreja tenha apoiado o golpe de 64, logo depois mudou a postura. Então, temos histórias e mais histórias de padres sendo presos, torturados. Fomos ao encontro de dom Fernando tentando encontrar um caminho para que essa denúncia não ficasse por aqui. Ele nos escutou e deu prosseguimento. Pelo menos foi o que passei para a família, para o irmão, e acredito que tudo tenha sido feito e mandado para fora.

A morte do Ismael foi um fato lamentável. Aconteceu em 1972, já se foram 40 anos. Seria hoje um senhor de 59 anos, mas morreu muito jovem. Eu espero que a Comissão da Verdade venha e esclareça todos esses crimes, essas barbáries, esses absurdos cometidos. Venha e torne público os responsáveis, aqueles que não respeitaram a vida como um todo. A vida é efêmera, transitória, passageira. Todo ser biológico tem um ciclo de vida, mas ninguém tem o direito de interrompê-la. Ninguém tem o direito de matar a ninguém. Ninguém pode arvorar-se a ser Deus; ser o juiz e determinar que o outro tem que morrer.

Acho que a tortura e a morte de Ismael foi uma das coisas mais horríveis da história goiana. E o desaparecimento do Marco Antônio, que ninguém sabe a circunstância da morte desse menino. Gostaria que Comissão Nacional da Verdade conseguisse, e oxalá consigamos, desvendar tudo isso.